



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

Licenciatura em Antropologia

***Construindo um novo lar e novos laços de solidariedade entre vizinhos: Estudo sobre
reassentamentos no Bairro de Muhalaze na Matola***

Candidata: Celeste Valentim Tivane

Supervisor: Danúbio Lihaha

Maputo, Abril de 2016

Construindo um novo Lar e Novos Laços de Solidariedade entre Vizinhos: estudo sobre reassentamento no bairro de Muhalaze na Matola.

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

Candidata

.....
Celeste Valentim Tivane

O Supervisor

.....

O Presidente

.....

O Oponente

.....

Maputo, Abril de 2016

Declaração

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação, estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

Assinatura:

Celeste Valentim Tivane

Maputo, Abril de 2016

Dedicatória

À minha mãe.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao meu supervisor Danúbio Lihaha pelas sugestões, atenção paciência e orientações que possibilitaram a realização do presente trabalho. Em segundo lugar, agradeço ao meu namorado que se mostrou disposto em apoiar-me durante a minha monografia e pelos incentivos que me prestou quando estivesse desesperada na realização do trabalho. Agradeço também, aos agregados familiares que aceitaram responder às minhas questões, em especial à minha ponto focal em Muhalaze por ter me apresentado e acompanhado para junto de outros informantes, muito obrigada pela colaboração.

Os meus agradecimentos são extensivos aos meus colegas do curso de Antropologia do ano 2011, em especial aos membros do meu grupo de estudo: Jacinto Massiga, Michel Zango, Sisínio Ivuta, agradeço pela informação, preocupações académicas, comentários e força. Agradeço também a minha família pelo apoio e contribuição durante a realização deste trabalho. A todos que me acompanharam directa e indirectamente no processo da minha formação o meu muito obrigado!

Resumo

O presente trabalho, faz análise as transformações promovidas pelo reassentamento na vida das famílias deslocadas de um bairro para o outro. Na revisão de literatura identifiquei duas abordagens, a primeira olha para o reassentamento enquanto um processo no qual os agregados familiares enfrentam dificuldades na mudança de vida e de adaptação ao novo contexto. Por sua vez, a segunda abordagem faz uma crítica a primeira e olha para a questão de reassentamento enquanto um assunto que necessita de abordagens que confrontam várias teorias e disciplinas.

No trabalho privilegiou-se a abordagem qualitativa e o uso do método etnográfico. Em termos teóricos esta pesquisa adoptou a abordagem interacionista simbólica, onde buscou-se compreender como é que no processo das interações sociais os sujeitos apropriam-se dos novos espaços, a forma como os indivíduos reassentados criam um sentimento de pertença com o novo espaço de residência e a relação de vizinhança com os novos vizinhos.

Nos dados etnográficos recolhidos, constatamos que dos 120 agregados familiares reassentados, 37 agregados familiares abandonaram ou repassaram as suas residências. No entanto, há outros agregados familiares que traçaram estratégias de adaptação ao novo espaço de residência, através de um fenómeno de solidariedade, onde os indivíduos constroem os seus laços de forma a superarem as dificuldades, o espírito de entre ajuda entre os reassentados em casos de necessidade um apoia o outro.

***Palavras-chave:** Reassentamento, Solidariedade, Agregados Familiares, Apropriação de Espaço.*

Lista de abreviaturas

CMCM: Conselho Municipal da Cidade da Matola

CMM: Conselho Municipal de Maputo

EDM: Electricidade de Moçambique

OJM: Organização da Juventude Moçambicana

OMM: Organização da Mulher Moçambicana

Índice

Declaração	iii
Dedicatória.....	iv
Agradecimentos	v
Resumo	vi
Lista de abreviaturas	vii
1. Introdução.....	1
2. Revisão de Literatura.....	5
2.1. Enquadramento Teórico-Conceptual.....	9
2.2. Conceptualização	17
3. Procedimento Metodológico.....	11
3.1. Método.....	11
3.2. Técnica de Recolha de Dados.....	11
3.3. Realização do Trabalho	12
3.4. Constrangimentos	13
4. Apresentação e Análise de Dados de Campo	14
4.1. Localização Geográfica do Bairro Muhalaze	14
4.2. Descrição do Bairro Muhalaze	15
4.3. Perfil dos habitantes	16
5. Processo de Reassentamento e Avaliação do Novo Espaço Habitado	18
5.1. Como foi visto o processo de reassentamento?.....	18
5.2. Como avaliam o novo espaço?	20
5.3 Apropriação do novo espaço	22
6. Relação de Conflitos e Alianças entre Agregados Familiares Reassentados	24
7. Solidariedade entre vizinhos como fenómeno que “facilitou” a adaptação.....	27
8. Considerações Finais.....	30
9. Referencias Bibliograficas	32
10. Anexos.....	34

1. Introdução

No ano de 2013 devido as cheias e inundações nos bairros de Mahotas, Laulane e Hulene na cidade de Maputo, o Conselho Municipal de Maputo decidiu deslocar famílias afectadas por essas calamidades naturais. Para amenizar o sofrimento das famílias que viviam nessas zonas tidas como de risco, o CMC reasentou 120 agregados familiares num outro bairro. O bairro de Muhalaze (no Município da Matola) foi o lugar onde algumas destas famílias foram reasentadas (Chissano, 2014)

O deslocamento forçado de pessoas devido a problemas ambientais não é um fenómeno recente. Historicamente as pessoas têm sido removidas das suas terras devido a interacção causal de vários factores nomeadamente desastres naturais, iniciativas de desenvolvimento, guerras, etc. Contudo, os desastres naturais tais como as cheias, sismos, secas têm sido apontados como as maiores causas de deslocamentos humanos forçados e quase sempre são acompanhados de uma magnitude destrutiva de grandes proporções à vários níveis, o que torna as pessoas afectadas vulneráveis à uma multiplicidade de factores fundamentalmente devido a perda gradual dos *coping mechanisms* (mecanismos de adaptação) (Lihache, 2008:21).

Na revisão de literatura feita sobre este assunto, constatamos que a ocorrência de fenómenos de cheias se tem registado em Moçambique desde os finais do século XX e princípio do século XXI (Casal, 1996). Este fenómeno tem levado as entidades governamentais, internacionais, organizações não-governamentais e outras, a traçarem estratégias de apoio às populações que vivem nas zonas de risco de inundações.

Lihache (2008), mostra-nos que após o fim da guerra civil em 1992, Moçambique têm vindo a sofrer de forma sistemática as consequências dos diversos desastres naturais, principalmente cheias e secas, que afectam milhões de pessoas, forçando-as a reasentarem-se, pois, estas destroem o meio ambiente no qual as mesmas vivem, as suas habitações, afectando sobremaneira a economia local e nacional, bem como a segurança alimentar e as relações sociais.

Ainda Lihaha (Idem) mostra-nos, como foi a ocorrência das cheias desde os anos 2000 até os dias de hoje, e tal como Casal (1996) mostra a resposta das entidades Governamentais e Internacionais em relação a esses fenómenos. Assim, as cheias do ano 2000 afectaram mais de um milhão de pessoas, destruíram centenas de casas e mais de 400,000 pessoas tiveram que se deslocar para centros de acomodação temporários. Durante esse período e de novo, nas cheias de 2001, 2007 e 2008, a resposta nacional e internacional foi essencialmente reactiva, o que implicou o desencadeamento de operações dispendiosas de emergência, tendo-se verificado que a resposta as causas dos desastres ainda não é eficiente e que as condições para reduzir os riscos de desastres e a vulnerabilidade da sociedade e do meio ambiente é ainda incipiente.

No estudo sobre o tema reassentamento, acedi a duas abordagens que olham para este fenómeno, a mais dominante, pelo numero de pesquisas feitas (Santana e Perdigão 2011 e Augusto 1998) olha para o reassentamento enquanto um processo no qual as famílias enfrentam dificuldades não só na mudança de um espaço de moradia para o outro, mas também mudanças na vida das pessoas transferidas de um bairro para o outro, dificuldades de adaptação a nova forma de vida no novo contexto, aos novos vizinhos, a nova espacialidade, o que muitas vezes, acaba resultando no abandono dos novos espaços de moradia e regresso aos antigos bairros.

Por sua vez, a segunda abordagem defendida por Castro (1995), Santos (2007) e Casal (1996) faz uma critica a primeira abordagem mesmo com os problemas dos novos bairros, os reassentados apropriam-se dos novos espaços de residência porque, o reassentamento alarga as redes de sociabilidade e alguns, olham para o fenómeno como uma oportunidade para a realização dos seus sonhos.

A meu ver, esta forma de pensar o reassentamento, adoptado pela primeira abordagem generaliza seus pressupostos, visto que olha para o reassentamento de forma “negativista” em quanto um processo no qual os reassentados não conseguem se adaptar ao novo espaço, ao novo contexto e a novos vizinhos, por isso, o regresso a antiga moradia. A segunda abordagem, embora explique algumas características, uma vez estar preocupada em criticar a primeira, não faz menção aos casos de regresso (abandono), o que me leva a pensar que também faz uma certa generalização, esconde os casos de regresso.

Diante destas abordagens, olhando para o bairro de Muhalaze, me parece que nenhuma das abordagens pode isoladamente, dar conta da complexidade e características do meu local de estudo, pois, encontro, elementos que ultrapassam o poder explicativo de cada uma delas, daí que surge a seguinte pergunta: *Como é que aconteceu a adaptação nos primeiros anos de reassentamento?*

Neste sentido, o presente relatório tem como objectivo geral analisar as transformações promovidas pelo reassentamento na vida de famílias deslocadas de um bairro ao outro. Especificamente, os objectivos são: a) descrever características do novo bairro e o processo de reassentamento; b) descrever a forma como os reassentados avaliam e apropriam-se do novo espaço de residência; e c) analisar o fenómeno de solidariedade entre novos vizinhos.

Ao procurar responder a esta pergunta de partida enunciada acima, a pesquisa poderá contribuir nas abordagens antropológicas sobre o reassentamento e adaptação ao novo espaço e reforçar a ideia de, existência de diferenças sociais no mesmo espaço geográfico. Tal contribuição será a partir de um olhar detalhado de cada agregado familiar, o que poderá mostrar por um lado que num mesmo espaço de reassentamento, pode-se encontrar um cenário segundo o qual, alguns agregados familiares regressam aos antigos bairros, e por outro, há agregados famílias que apropriam-se, alastram a suas redes de sociabilidade, usam o espaço habitacional.

O interesse pela problemática do reassentamento surge porque, durante algumas visitas que fiz no bairro de Muhalaze, verifiquei que anos apos o processo de reassentamento os agregados familiares reassentados tiveram algumas mudanças sociais, assim como mudanças nas características iniciais das casas que deram origem o nome de Muhalaze-Matendene (casas de tendas). Assim a homogeneidade das casas que caracterizavam o bairro estava a desaparecer dando origem a novos tipos de construções de acordo com cada agregado familiar e novos laços de sociabilidade entre vizinhos. Essas constatações suscitaram em mim uma indagação, tendo em conta que algumas pesquisas que tive acesso de Santana e Perdigão (2011) e Augusto (1998) e Guimarães (2004), dão conta de que os reassentados tendem abandonar os espaços atribuídos. Daí que, a pesquisa poder ajudar a perceber, estratégias de adaptação e formas de apropriação do espaço.

Por ter conhecido o bairro de Muhalaze, local do meu estudo de campo antes de proceder a pesquisa e ao mesmo tempo, acompanhar conversas do quotidiano segundo as quais, os reassentados abandonam espaços habitacionais no novo bairro e regressam ao antigo bairro, despertou-me interesse em realizar esta pesquisa e poder contribuir com um estudo de cunho antropológico nesta área de reassentamento, assim, procuro perceber os valores, significados, representações e mudanças ocorridas no bairro de Muhalaze após o reassentamento. O interesse pela temática do reassentamento surgiu também devido aos debates encontrados na literatura.

O presente relatório está estruturado em dez (10) secções: a primeira secção apresento a introdução. Na segunda secção apresento a revisão de literatura, onde exponho em forma de síntese os pressupostos das duas principais abordagens. Ainda na segunda secção, apresento o enquadramento teórico e conceptual usado para a leitura dos dados etnográficos. Na terceira secção, apresento o procedimento metodológico deste trabalho, os métodos, as técnicas e os constrangimentos tidos ao longo da elaboração do presente trabalho. Na quarta secção dou início a componente de apresentação e análise dos dados.

Na quinta secção, apresento o perfil dos agregados familiares reassentados. Na sexta secção, apresento o processo de reassentamento; na mesma secção, mostro como os agregados familiares avaliam o novo espaço de residência igualmente na mesma secção, apresento a apropriação do novo espaço. Na sétima secção, apresento a relação de conflitos e alianças entre agregados familiares reassentados. Na oitava secção, apresento a solidariedade entre vizinhos como fenómeno que facilitou a adaptação dos agregados familiares. Por fim, na nona secção, apresento as considerações finais, espaço onde apresento as principais ideias e constatações tidas ao longo da realização deste trabalho.

2. Revisão de Literatura

A literatura sobre a temática do reassentamento é vasta e apresenta uma complexidade de abordagens, no entanto, para responder a nossa pergunta de partida, identificamos duas linhas de abordagens. Assim, a primeira abordagem olha para o reassentamento enquanto um processo no qual os agregados familiares enfrentam dificuldades não só na mudança de um espaço de moradia para o outro, mas também mudança de vida das pessoas transferidas de um bairro para o outro, dificuldades de adaptação a nova forma de vida no novo contexto, aos novos vizinhos, a nova espacialidade, o que muitas vezes, acaba resultando no abandono dos novos espaços de residência e regresso aos antigos bairros.

Por sua vez, a segunda abordagem faz uma crítica a primeira e olha para a questão de reassentamento enquanto um assunto complexo, que necessita de abordagens que confrontam várias teorias e disciplinas para se perceber que, é nos novos espaços de reassentamento que alguns indivíduos têm mais segurança de vida e oportunidade de concretização dos seus projetos. Assim, o reassentamento tem a capacidade de aumentar as redes de sociabilidade e os indivíduos que lá permanecem, colocam no espaço de residência algo que os identifica no novo espaço.

Nos parágrafos a seguir, passamos a apresentar de forma detalhada os pressupostos da primeira abordagem e da segunda abordagem. Para começar apresentamos a primeira abordagem:

A primeira abordagem entende que os moradores reassentados abandonam as novas residências porque, o reassentamento tem como implicações a mudança de sociabilidade resultando no facto do reassentamento desfazer os laços de vizinhança, por isso a insatisfação residencial daqueles que se encontram envolvidos no processo. No estudo feito por Dias (2012), varias famílias que foram reassentadas no conjunto habitacional, venderam ou abandonam a nova casa, voltando para onde moravam anteriormente ou instalando-se em outras áreas. Este facto acontece porque, nesses locais que são reassentados, as redes de sobrevivência e solidariedade ainda estão escassos, principalmente por estarem distantes daqueles que sempre os ajudaram anteriormente.

No estudo de Sêne (2008) feito no Brasil, constatou que as famílias reassentadas tem tido dificuldades de adaptação ao novo espaço de residência, o que muitas vezes tem levado ao

abandono ou repasse das residências. As dificuldades acontecem devido a falta de sociabilidade com novos vizinhos, enfrentam problemas de insegurança, falta de policiamento, falta de água, falta de energia, muita pedra, erosão, falta de transporte colectivo e encharcamento na época chuvosa.

Santana e Perdigão (2011) no seu estudo defendem que no Brasil, as políticas de habitação têm teor tecnocrático por isso que se tem um Estado que, desvaloriza as diferenças e opiniões dos indivíduos, preferindo seguir uma concepção dita racional. Com isso, os autores avançam com algumas soluções propostas para acabar com o abandono dos novos bairros por parte dos reassentados, o facto de se entender que, só se pode ter satisfação residencial se os moradores participarem nas decisões do projecto arquitectónico da futura residência.

Ainda na mesma linha de pensamento, Cruz (2003) na sua obra intitulada “*Construir a casa*” fala de um estudo feito em Portugal sobre o reassentamento das famílias carenciadas, refere que a construção de casas foi feita pelos arquitectos sem tomar em consideração as preferências dos habitantes. A casa construída para a população, baseou-se na reflexão do modo de vida urbano, em que os habitantes devem ser socializados para habitá-las.

Por sua vez, Mosca e Selemane (2011) analisam o reassentamento promovido pela Vale, no mega - projecto de mineração na província de Tete, centro de Moçambique e referem que, processos idênticos contribuem para o aumento demográfico, diversidade de actividades, novas infra-estruturas. Mas o mesmo movimento trás uma diferença entre a situação pré e pós reassentamento, o que vem a causar problemas a destacar (a falta de água, transporte e expectativas sociais que nunca são cumpridas, causando um mal-estar populacional). Para os dois autores, os actuais reassentamentos tem sido mal dirigidos o que provoca empobrecimento, conflitos, o que faz lembrar os erros cometidos com a mobilização da população para viver em aldeias comunais.

Tal como se pode ver nos parágrafos acima, a primeira abordagem, possibilita-nos ter uma visão sobre os bairros de reassentamento, no entanto, apresenta alguns problemas tais como; olha para os bairros de reassentamento como sendo aqueles que, sempre não tem esta ou aquela coisa e no

fundo os autores que elaboraram esses estudos seguindo esta perspectiva de análise, pouco dizem sobre o que tem e sobre a convivência entre reassentados. Igualmente esta abordagem generaliza seus pressupostos porque, deixa de lado a possibilidade de, em outros contextos poder se estruturarem seguindo outras formas de estar; e pautam mais em debater políticas de habitação social, o que leva a uma tendência de procurar resolver problemas sociais, isto por causa do seu carácter intervencionista.

Ainda sobre a mesma abordagem, de referir que ela só se refere apenas os casos das pessoas que regressam a antiga residência, deixando de fora o facto de, para alguns reassentados a mudança para além da insatisfação, pode causar também satisfação ou mesmo casos em que, mudar de bairro significa ou vem a significar, uma oportunidade para mudar de vida, alargar as redes de sociabilidade e buscar meios de se adaptar no novo espaço mais seguro e próspero tal como mostra a segunda abordagem que segue.

Após chegar no novo espaço residencial, os recém moradores tem uma atitude crítica em relação ao novo espaço residencial por isso que procuram melhorar as condições das suas novas casas. É através de acções desta natureza que se pode pensar no processo de realojamento enquanto uma oportunidade de criar novas formas de relacionamento com o espaço, relacionamento com a vizinhança e novas identidades. Além disso, o realojamento oferece vantagens para o aparecimento com o tempo, de maior segurança, estabilidade e definir o espaço como sua propriedade (Castro 1995).

Por seu lado, Santos (2007) faz referência a relação existente entre os moradores e suas moradias. As representações sociais dos moradores, remetem a ideia de moradia como espaço de conforto, segurança e tranquilidade. As moradias construídas pelos projetos atendem a questões técnicas e de estrutura urbana, mas quando se chega a hora do uso, a moradia é apropriada pelos moradores daí sofre intervenções para se adaptar as suas necessidades. Assim, os moradores mostram-se satisfeitos com a moradia depois de executarem suas intervenções, porque estas intervenções são com vista a buscar conforto.

Esta segunda abordagem, assemelha-se a de Casal (1996) que faz um retrato de Moçambique e faz referência ao facto de o lugar onde o homem habita, habitat é produto social que resulta da organização e relações entre uma dada sociedade e o espaço onde estes residem. Assim podemos perceber que para Casal, a sociedade ou grupo social ocupa, produz e organiza o espaço por isso ideia segundo a qual, o habitat carrega consigo dimensões políticas, sociais, económicas e culturais de uma dada colectividade.

Na mesma linha de pensamento de Casal (Idem), mostra que a habitação é um local de socialização dos indivíduos e ao mesmo tempo é espaço onde se transmite valores e visões de uma sociedade. É por isso que, a forma como cada um constrói a sua habitação tem a ver com a sua visão do mundo. Para este autor é no habitat que os indivíduos interagem uns com os outros, e essa interação integra a socialização com os vizinhos que fazem parte desta rede social.

Como podemos ver, a segunda abordagem dá-nos a entender que o reassentamento em alguns contextos, para além de insatisfação, pode causar um misto de sentimentos satisfação e insatisfação para quem sai de um bairro ao outro porque, é uma oportunidade para mudar de vida, alargar as redes de solidariedade e buscar meios de se adaptar no novo espaço mais seguro e prospero tal como mostra a segunda abordagem.

Nos debates da literatura, constatamos que a questão do reassentamento dos agregados familiares no novo espaço residencial é vista sob duas linhas de abordagem. A primeira abordagem olha para o reassentamento enquanto um processo no qual os agregados familiares enfrentam dificuldades, não só na mudança de um espaço de moradia para o outro, mas também mudança de vida das pessoas transferidas de um bairro para o outro, dificuldades de adaptação a nova forma de vida no novo contexto.

A segunda abordagem, olha para a questão de reassentamento enquanto um assunto que necessita de abordagens que confrontam várias teorias e disciplinas para se perceber que, é nos novos espaços de reassentamento que alguns indivíduos têm mais segurança de vida e oportunidade de concretização dos seus projetos. Assim, o reassentamento tem a capacidade de aumentar as redes de sociabilidade.

2.1. Enquadramento Teórico-Conceptual

Esta pesquisa adota o interacionismo simbólico, porque esta teoria possibilita a compreensão do modo, como os indivíduos interpretam os objectos a sua volta e outras pessoas com as quais interagem. Segundo Ennes (2013) o interacionismo simbólico da uma importância primordial para os significados sociais que as pessoas atribuem sobre o mundo que os rodeia. Assim as pessoas atuam tendo em conta as coisas na interação com as outras pessoas, tendo como base os significados que essas coisas têm para eles. Os significados das coisas são assim produto social, que são construídos na interação. Os actores sociais atribuem significados as situações, as outras pessoas, as coisas e a si mesmo, através de um processo de interpretação.

O interacionismo simbólico entende que a interpretação leva-se a cabo mediante um intercâmbio de atos simbólicos como são os gestos, as palavras, a entoação e as expressões faciais. Esse manejo de símbolos na nossa comunicação é dotado de significados. Por sua vez, permite transmitir informações e expressar ideias, entender as experiências próprias assim como a dos outros, bem como compartilhar sentimentos e entender o dos outros. Com isso, o interacionismo simbólico põe em relevo, que para entender o ser humano o importante não é olhar para a sua conduta, mas sim o significado que essa conduta tem (Sampaio e Santos 2011).

O interacionismo simbólico segundo Blumer (1980) preocupa-se com o empenho dos seres humanos, enquanto indivíduos interagindo entre si nas diversas situações, que acaba por constituir a sociedade humana, e esta interação é responsável pela formação do comportamento. Ao interagir entre, si os homens estabelecem uma relação de expectativa em relação a ação do outro pelo facto de conseguirem se colocar no lugar dele. Essa relação faz com que ambos adoptem suas linhas de acção em relação ao outro, possibilitando uma partilha de valores

A mais-valia de usar a teoria para esta análise, reside no facto de entendermos que os indivíduos interagem e criam um conjunto de práticas e significados com o contexto onde encontram-se inseridos. Neste caso concreto, constatamos que indivíduos reassentados em Muhalaze criam um sentimento de pertença com o novo espaço de residência e um conjunto de relações de vizinhança com os novos vizinhos.

2.2 Conceptualização

Reassentamento: fazer-se referência a todo o processo de retirada de um conjunto de famílias e seus bens de um espaço residencial para o outro. Para Castro (1995), o fenómeno reassentamento é pensado como sendo, a saída de um contexto residencial ao outro, onde os actores sociais em causa a redefinem seu papel e imagem na sociedade. Assim, o reassentamento tem um carácter transformador, uma vez que promove o deslocamento espacial dos moradores que vivem em locais definidos como impróprios. Este processo de reassentamento, muito mais que uma alteração espacial, estas famílias transferidas passam por uma mudança em outras áreas das suas vidas, estas transformações podem ser sociais, simbólicas e identitárias, podendo modificar também os mecanismos sociais que induzem o fortalecimento ou o rompimento dos laços com antigos vizinhos.

Solidariedade: é um conceito que permite perceber as diferentes formas de ajuda que tem lugar no nosso campo de pesquisa entre os diferentes reassentados que mesmo sem se conhecerem contribuíam para o fortalecimento e adaptação do grupo reassentado através da ajuda mútua. Para Almeida (2007) a solidariedade é vista como uma condição grupal resultante de comunhão de atitudes e sentimentos de modo a constituir o grupo unido sólido, capaz de resistir as forças extremas e mesmo de tornar-se ainda firme em face da oposição vinda de fora.

Apropriação do Espaço: facilita perceber todo o conjunto de ideias e planos já feitos e os que se pretende fazer no novo espaço residencial, de forma a fazer com que o espaço responda aos anseios de cada agregado familiar reassentado. Assim Castro (1995), define apropriação do espaço como sendo, a possibilidade de redefinição do seu papel e imagem na sociedade enquanto referência espacial, procurando melhorar as suas condições habitacionais e processos decorativos da própria casa, como uma apropriação mais personalizada de determinados traços identitários em relação ao modelo de habitar. Isto é, a apropriação do espaço não passa de um processo de incrementação de redes de sociabilidades com a vizinhança que os grupos vão mantendo no local de chegada por via de interações sociais, e consideração desses espaços como seus, contribuindo na transformação da configuração física de suas próprias casas.

Agregados Familiares: adoptamos o conceito de agregado familiar por ser mais abrangente e englobar a diversidade familiar, o conceito família leva-nos a pensar na ideia de família nuclear como sendo universal, o que dificulta perceber, os vários tipos e formas de famílias que surgem, assim no nosso campo de pesquisa encontramos esta multiplicidade de famílias daí que uso o conceito de Agregado familiar porque, segundo Wall (2005) é um conceito que sintetiza um conjunto de tipologias (família nuclear, simples, complexa, alargada, e múltipla) das famílias existentes em cada contexto.

3. Procedimento Metodológico

3.1. Método

O trabalho de pesquisa feito nesta monografia é do tipo qualitativo isso porque, durante a recolha dos dados de campo, estávamos em contacto permanente com as famílias reassentadas para junto delas perceber o reassentamento de uma forma geral, e as formas de adaptação as suas novas residências - (ver), e realizamos caminhada pelo bairro para proceder, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas (ouvir), o que nos possibilitou fazer questões abertas, mas sempre ligadas ao tema em estudo e colher informações que fazem referência as experiências de vida dos reassentados no novo espaço habitacional. Durante este processo, os informantes tinham a liberdade de participar ou de recusar a sua participação nos cometários ou justificação em vários aspectos, que eram levantados durante a pesquisa, uma vez que privilegiamos manter com estes, um ambiente favorável para as conversas fluírem de forma espontânea.

3.2. Técnicas de recolha de dados

Ainda no âmbito da recolha de dados, recorreremos ao uso de caderno de nota aliada à técnica de memorização do conteúdo das conversas. Com o bloco de notas, pretendia registar os principais conteúdos das observações e conversas que promovia. Este exercício permitiu fazer o registo de notas que posteriormente, foram matéria para refletir sobre o que estava a descobrir, e o que poderia explorar mais nas próximas conversas e observações.

A técnica de memorização, possibilitava prestar atenção no que os entrevistados diziam de modo a não distrai-los com o meu exercício de escrita. Igualmente testava mais uma vez, a capacidade de memorizar assuntos preponderantes para a materialização da pesquisa, porque esta informação era posteriormente registada no fim das entrevistas.

O uso da fotografia, foi importante para captar algumas imagens do estado do bairro no geral e dos espaços residenciais em particular. Essas imagens foram importantes para fazer a leitura da realidade que observamos ao longo da nossa recolha de dados de campo no bairro de Muhalaze. Todas estas imagens foram por mim captadas, durante os dias que realizei o trabalho de recolha de dados.

3.3. Realização do trabalho

A realização do trabalho decorreu obedecendo a quatro 4 fases complementares nomeadamente: revisão literária sobre o tema em estudo; elaboração do projecto de pesquisa; recolha de dados no campo de pesquisa e por fim análise dos dados e dar inteligibilidade do presente relatório de pesquisa.

Assim a fase da revisão de literatura, teve início em Março de 2015 e prolongou-se durante a elaboração do trabalho. Nesta fase, foi feita a revisão de literatura de artigos, dissertação de mestrado e monografia sobre o reassentamento, todos tirados da *internet*. Na revisão literatura foram consultados materiais sobre o reassentamento e metodologia de pesquisa em ciências sociais. Na *internet* consultei revistas científicas sobre a percepção do reassentamento e adaptação ao novo espaço em particular.

Na elaboração do projecto, fizemos a concepção do trabalho e definimos o local onde foi realizado o nosso grupo alvo, o período onde foi realizado o trabalho de campo e os métodos e técnicas de recolha de dados de campo.

A recolha de dados, promovemos contacto com os Agregados Familiares reassentados no bairro de Muhalaze, de modo a percebermos destes como foi conduzido o processo de reassentamento. Durante este período, conversamos com os reassentados de modo a perceber o reassentamento a partir da perspetiva dos reassentados. Esta metodologia possibilitou perceber o contexto a partir dos indivíduos que vivem o contexto.

Por último, fizemos a análise e inteligibilidade dos dados. Nesta fase, demos sentidos aos dados de campo e verificamos as suas tendências, o que possibilitou a construção dos capítulos deste trabalho, este processo culminou com a redigção deste trabalho.

3.4. Constrangimentos

Ao longo do processo de elaboração do presente relatório de pesquisa, enfrentamos algumas dificuldades. Desta forma, no campo de pesquisa no bairro de Muhalaze foi difícil para encontrar os Agregados Familiares reassentados, assim, tivemos que recorrer ao secretário dos bairros e o primeiro contacto que tive com eles, pensava que fosse agente do Governo. Assim, tendo sido necessário exibir a credencial e esclarecer com clareza a finalidade do trabalho.

No decurso da recolha de dados, houve dificuldades tanto para a pesquisadora quanto para os entrevistados. A recolha de dados aconteceu num período chuvoso, as vias que dão acesso aos bairros de reassentamento estavam inundadas, encontrando-se numa situação precária para se transitar. Para ultrapassar essas dificuldades tive que usar roupa adequada para o tempo chuvoso (botas e capas de chuva) assim como usar carro particular para me locomover dada a dificuldade de transporte.

Com o decorrer da pesquisa etnográfica, sentiu-se a necessidade de manter contacto com instituições que tutelam o processo de reassentamento: CMCM, Governo da Província de Maputo, CMM, EDM para a partir dos dados colhidos nestas instituições confrontar com o que ia encontrando no campo de pesquisa. Em todas estas instituições, sempre depois de explicar os objetivos da minha pesquisa, as respostas eram: *“a pessoa que pode-te atender não esta presente”*, *“este assunto não encontra-se catalogado”* e *“deixa o teu número depois entra em contacto contigo”*. Estas dificuldades fizeram com que não tivesse o relatório sobre o

reassentamento nem as imagens que atestam o momento em que aconteceu o reassentamento das famílias. Assim para contornar essas dificuldades tive que recorrer a jornais, revistas bem como conversas informais com alguns funcionários das instituições citadas que estiveram ligadas ao reassentamento para me fornecer a informação que necessitava.

4. Apresentação e Análise de Dados

4.1. Localização Geográfica do Bairro Muhalaze

Matola é uma cidade e Município moçambicano, capital da província de Maputo. Tem limites a nordeste e a norte com o distrito da Muamba, a oeste e sudoeste com o distrito de Boane, a sul e este com a cidade de Maputo e a noroeste com o distrito de Marracuene. O município tem área de 373km² e a sua população é de 672 508 habitantes de acordo com senso de 2007 (CMCM 2014).

O bairro de Muhalaze faz parte dos 42 bairros do Município da Matola e faz fronteira a Norte com o bairro Boquisso, a Sul com o bairro de Matlhemele, a Oeste com o bairro Mucatine e a Este com o bairro Intaka (Idem).

É no interior do bairro de Muhalaze que encontramos os Agregados Familiares reassentadas concretamente em Muhalaze-Matendene. Nesta área foram reassentadas 120 Agregados Familiares divididas em 24 blocos. Cada Agregado Familiar, ocupa uma área de 15metros por 30metros no terreno atribuído pelo município (Informante-Secretario do Bairro).

O reassentamento em Muhalaze teve início em Dezembro de 2013 com as cheias que deixaram inundados os bairros de Hulene, Mahotas e Laulane. O Município de Maputo em coordenação com o Município da Matola deslocou as famílias para Muhalaze tendo oferecido aos Agregados Familiares tendas para se abrigarem (Idem).

É neste contexto que surge o nome Matendene, que faz referência aquela zona do bairro de Muhalaze conhecida por Muhalaze-Matendene. Este espaço atribuído aos Agregados Familiares, visava responder a um dos problemas enfrentados pelas populações residentes em áreas tidas

como sendo de risco, nos bairros citados no parágrafo a cima, reassentando-os em locais seguros a inundações.

A propósito do nome Muhalaze-Matendene, é interessante lançar a proposta segundo a qual, por vezes, parece que os espaços de reassentamento criam um contexto específico. Avançámos com esta proposta porque, no município de Maputo, no bairro de Zimpeto existe uma zona designada Matendene. A designação surgiu depois de terem sido reassentadas famílias no local e realojadas em tendas enquanto procurava-se meios de construir casas. O mesmo acontece em Muhalaze, onde foram reassentadas Agregados Familiares que passaram a viver em tendas e desta forma, o local de reassentamento também ganhou o mesmo nome, Matendene. Desta forma, em dois bairros de reassentamento podemos encontrar *dois matendenes*.

Este aspecto permite pensar na possibilidade de que, em dois espaços geográficos diferentes poderemos encontrar o mesmo contexto. Assim, o nome e as condições do espaço dos locais criam possibilidade de termos mesmo contexto nos espaços de reassentamento.

4.2. Descrição do Bairro Muhalaze

Em 2013 ano em que foi feito o reassentamento dos Agregados Familiares em Muhalaze, o bairro teve um crescimento no número dos habitantes, tendo em conta que é um bairro em expansão e recebe novos residentes (secretario do bairro). Com isso, para além dos Agregados Familiares reassentadas, que são o grupo alvo deste estudo, o bairro tem recebido outras famílias de outros reassentamentos (o caso dos reassentados no âmbito da construção da estrada circular de Maputo) o que faz com que este bairro esteja em um crescimento acelerado tanto em termos de número de habitantes, surgimento de novas infraestruturas e extensão das redes de sociabilidade.

Em relação a sua estrutura organizacional, o bairro de Muhalaze tem uma sede representada pelo Município de Matola, onde tem o secretário do Bairro, a secretária da OMM, o secretário da OJM, um líder comunitário, chefe da comissão escolar representando a comunidade, e os chefes das 10 casas.

O bairro organiza-se segundo a estrutura citada no parágrafo anterior, na qual se relacionam e interagem uma com as outras para resolver os diversos problemas que acontecem no bairro. Em Muhalaze são frequentes reuniões, palestras e debates sobre os assuntos que afetam o bairro (são os casos de falta de energia, problemas de água, falta de policiamento e as deficientes vias de acesso) de forma a encontrar as soluções em conjunto. O bairro de Muhalaze conta com algumas infraestruturas como são os casos de um mercado, uma escola primária, um cemitério municipal, um posto de saúde. Há ainda no bairro uma construção de futuras instalações da empresa EDM, tem uma farmácia, 5 postos de abastecimento de água pertencentes ao sector privado.

Em relação às vias de comunicação, o bairro tem uma estrada de terra planada que liga a estrada circular. É essa estrada que até o período da presente pesquisa, permite a circulação de transportes que fazem o percurso Muhalaze - Zimpeto no dia-a-dia das famílias reassentadas, e dos demais moradores e transeuntes.

4.3. Perfil dos habitantes

Para a recolha da matéria-prima para além de ver, foi necessário ouvir e escrever tal como sugere (Cardoso de Oliveira 2006), para o efeito, foi necessário conversar com alguns agregados familiares que beneficiaram do reassentamento e alguns representantes da estrutura do bairro Muhalaze. Com isso, no parágrafo a seguir apresento o perfil dos informantes da presente pesquisa.

Na pesquisa de campo participaram no total 12 pessoas, dos quais 9 pessoas do sexo feminino e 3 do sexo masculino. Dos quais 10 são pertencentes as famílias reassentadas e 2 são pertencentes a estrutura do bairro de Muhalaze (caso do secretario do Bairro e chefe do quarteirão).

Alguns indivíduos apresentados trabalham no sector informal. Há uns que são naturais das provinciais do centro e norte dos pais. São indivíduos que viram-se numa situação de ter que sair de um município ao outro, de Maputo a Matola.

Catarina Naife 32 anos de idade, do sexo feminino, vive maritalmente, é mãe de 3 filhos, faz trabalhos domésticos em sua residência e o seu marido trabalha na construção de estradas. Antes vivia no bairro de Hulene num espaço onde viviam mais 3 famílias.

António Langa 25 anos de idade, do sexo masculino, vive com os avós e irmãos, é sapateiro e faz os seus trabalhos em frente a casa. Antes vivia no bairro de Hulene.

Pedro Siteo de 53 anos de idade do sexo masculino trabalha para o Município da Matola como secretário do bairro Muhalaze, vive no bairro já há 20 anos. Foi responsável por receber os reassentados a quando da sua deslocação para aquele bairro devido as cheias.

Marta João de 28 anos de idade, do sexo feminino é mãe de 3 filhos vive maritalmente. Tem na sua residência uma banquinha onde vende alguns produtos alimentares como: tomate, cebola e batata. O marido da Marta trabalha na Africa do Sul, antes viviam no bairro das Mahotas num quintal onde vivia com mais duas famílias e todos foram reassentados em Muhalaze.

Fátima Rajib de 32 anos de idade, do sexo feminino é empregada doméstica, solteira e tem 2 filhos. Perdeu o marido que trabalhava na Africa do Sul logo depois que foram reassentados. Antes vivia no bairro de Albazine.

Katia Araújo de 30 anos de idade, do sexo feminino é casada e tem 3 filhos, o marido trabalha como ajudante de pedreiro. Ela trabalha como empregada doméstica em algumas residências do bairro de Kongolote. Antes vivia no bairro das Mohotas.

Maria da Fátima de 29 anos de idade, é do sexo feminino, tem uma pequena Orta no seu quintal para o consumo da família e venda para os vizinhos, vive maritalmente e tem 2 filhos. O seu marido trabalha no bairro de Intaka como jardineiro. Antes vivia no bairro de Albazine.

Natália Machava, de 28 anos de idade, do sexo feminino, solteira mãe de 2 filhos, tem uma banca no mercado de Muhalaze, onde faz o seu negócio. Antes vivia no bairro das Mahotas.

Carlota Matola, de 39 anos de idade, do sexo feminino é casada, vive com os seus 5 filhos, sogros e 2 sobrinhos, o seu marido trabalha na construção civil. Ela tem uma machamba no bairro do Muhalaze. Antes vivia no bairro de Hulene.

João Tembé, 48 anos de idade, do sexo masculino, é chefe de quarteirão de Muhalaze-Mtendende, casado e vive com a sua esposa, seus 3 filhos e dois netos. Tem um estaleiro de venda de material de construção. Antes vivia no bairro do Hulene.

Lurdes de 30 anos de idade, do sexo feminino, é casada e tem 3 filhos, ela é doméstica e o seu marido é Motorista de Transporte Público. Antes vivia no Albazine

Suzana Araújo de 40 anos de idade, do sexo feminino, vive com os 5 filhos e marido, ele trabalha como motorista de camiões e ela trabalha na Escola Primaria Completa de Muhalaze como contínua.

5. Processo de Reassentamento e Avaliação do Novo Espaço Habitado

5.1. Como foi visto o processo de reassentamento?

Nesta secção, apresento o processo de reassentamento e as reações que os Agregados Familiares tiveram quando receberam a informação de que seriam reassentados. Para o efeito, recorreu-se as narrativas históricas, onde foi possível perceber a complexidade de reações que os Agregados Familiares reassentadas.

No processo da análise das historias de vida dos agregados familiares reassentadas é notória o misto de sentimentos que esteve em todo o processo de reassentamento, desde a informação que receberam de que seriam reassentados até a chegada e estabelecimento das famílias no local de reassentamento em Muhalaze-Matendende. Esta complexidade verificada nas reações em relação a noticia de que seriam reassentados percebe-se que:

“Eu soube que íamos sair de Hulene em 2013.... Também já estávamos mal sempre que chovia passávamos mal, saímos de la nas pressas porque era tempo de chuva e a nossa casa já estava cheia de água.... Aqui estamos bem não temos nada mas nos ajudamos com os novos vizinhos sempre que alguém precisa”.
(Catarina)

Nesta informante é possível perceber que para alguns o processo de reassentamento, foi visto como uma oportunidade das pessoas mudarem de vida assim como, as suas redes de sociabilidade “porque, com o novo espaço de residência, o indivíduo quer experimentar um novo modo de vida” (Cruz 2003: 237)

Na revisão de literatura, tal como foi feito referencia, acedemos a um maior número de pesquisas que defendem e destacam mais a ideia de regresso no antigo local de residência. Embora em menor número este facto também foi encontrado em Muhalaze-Matendene não sendo assim uma característica dominante, porque os outros reassentados apropriam-se do espaço e socializam-se com os novos vizinhos.

“Nós chegamos aqui e não tinha nada nem água não tinha, as ruas nós é que abrimos. Mas outros que vieram connosco depois venderam os terrenos não sabemos onde estão” (Pedro)

Para outros o processo de reassentamento em Muhalaze-Matendene de que foram alvos foi injusto porque, trouxe implicações negativas às suas vidas, para outros, o mesmo (reassentamento) é tido como positivo porque permitiu a obtenção de um espaço parcelado e fixar-se num bairro sem riscos de inundações, onde pudesse cuidar da família e ali morar para sempre. Como podemos ver nas palavras dos informantes:

“Tivemos casos de algumas famílias que vieram cá morar logo depois das cheias, mas não ficam muito tempo depois venderam os seus terrenos e compraram em outros bairros tem outros que ate voltaram para la onde estavam que enche de agua”. (António)

Tal como podemos ver, o processo de reassentamento é muito complexo, mexendo com a vida dos agregados familiares reassentados, criando neles sentimento de satisfação e insatisfação ou por vezes um misto de ambos sentimentos. Há que salientar que nem sempre a insatisfação com o novo espaço é que causa o seu abandono e regresso para antiga zona de residência, ou seja, não há uma relação direta de causa e efeito entre insatisfação e abandono do novo espaço (tal como aparece na literatura, caso de Santana e Perdigão 2011; e Augusto 1998), visto que alguns dos informantes por mim contactados mostraram se insatisfeitos com o processo que levou ao reassentamento e mesmo assim continuam no local, tendo criado formas de adaptação no novo espaço e a ajuda entre vizinho tem um grande papel nesse processo.

Abordar sobre os aspectos ligados as práticas e atitudes dos reassentados na mudança dos bairros de reassentamento é a proposta de Santana e Perdigão (2011), pois, estes convidam a pensar que os reassentados abandonam as novas residências porque o processo implica mudar de casa e de sociabilidade, resultando na insatisfação dos residentes que perdem seus vizinhos.

Muito embora alguns destes aspectos citados pelos autores no parágrafo acima existam em Muhalaze-Matendene, há que ter em conta que ao mesmo tempo o processo de reassentamento implica ampliar redes de sociabilidade e nem sempre se perde os vizinhos, tal como se faz referência na revisão de literatura. Nesta pesquisa encontremos cenários onde, os vizinhos de um dado agregado familiar, são também transferidos para as novas zonas de reassentamento logo, mais do que mudar redes de sociabilidade, temos continuidade e surgimento de novas redes sociais.

5.2. Como avaliam o novo espaço?

Nesta secção, analisamos a avaliação que os agregados familiares reassentados têm sobre o novo espaço habitacional atribuído pelas entidades do município, no âmbito da ajuda governamental destinada às famílias afetadas pelas cheias.

Para essa análise, partimos do princípio de que, a avaliação dos espaços residenciais dependem da percepção que os indivíduos têm sobre os atributos do meio ambiente, características da

habitação, a limpeza, a segurança e a forma como os moradores estão organizados (Guerra, 1997). Assim este grupo reassentado em Muhalaze-Matendene, cria significados que tornam possível a sua adaptação, sua afirmação, apropriação do espaço e sociabilidade com os novos vizinhos.

“Nos quando chegamos aqui não tinha nada, o governo só nos deu tendas para vivermos, e ficava ate 4 famílias em cada tenda, mas sabíamos que ali estávamos seguros não íamos morrer com cheias” (Fátima)

“Epá minha filha nos passamos muito mal com cheias la não dormíamos sempre que chovia...aqui não conhecíamos ninguém quando chegamos os vizinhos deixamos la onde vivíamos e perdemos muitas coisas por causa das cheias para mim é bom estar aqui” (Marta)

“La em Hulene era perto da cidade, tínhamos facilidade para comprar tudo, mas mesmo assim sofríamos porque perdíamos tudo nas cheias, e no nosso quintal viviam mais duas famílias agora aqui temos nosso terreno” (Katia)

Por sua vez, Marques (2013) mostra que devido as cheias e inundações das suas casas, algumas famílias querem sair de imediato para o terreno que são atribuídos antes de arrancar com o projecto de construção das casas para reassenta-los. Para o autor, as cheias do ano 2000 permitiram que as famílias não olhassem as vantagens que tinham nas suas antigas residências na cidade de Maputo, muito menos as redes sociais ou de vizinhanças já enraizadas nos bairros afectados, mas sim um olhar diferente que pudesse dar novos horizontes em novos espaços que oferecem melhores condições de habitabilidade.

Em Muhalaze, há Agregados Familiares que encontram-se numa situação de insatisfação em relação a forma como o Governo Municipal deu andamento ao reassentamento e ao local onde foram colocados. As reclamações vão desde a porção de terra atribuído para alguns que é menor em relação a anterior, a falta de rede de energia electrica, falta de vias de acesso (estrada asfaltada) em condições, falta de policiamentos e falta de escola de ensino secundário.

“O meu terreno em Albazine era muito grande, aqui o governo veio me por num terreninho e nem deu material para construir só deu terreno e tendas” (Maria)

“Aqui em Muhalaze não tenho como fazer uma barraca para vender porque não temos energia e as coisas ai podem apodrecer mas la em Mahotas vendia peixe, refrescos.....Aqui isso não tenho como fazer” (Suzana)

Nas duas citações anteriores, podemos encontrar sinais de insatisfação dos agregados familiares reassentados em relação ao novo espaço. Por sua vez Casal (1995) mostra que os residentes das aldeias comunais estavam insatisfeitos com o plano de reassentamento, visto que tradicionalmente possuíam uma boa porção de terra que lhes permitia com que os espaços agrícolas, espaços de criação de animais, e outros anexos ficassem isolados em lugares bem distante das suas residências, e eles tinham o hábito de fazer o fecalismo a céu aberto nas matas, o que não acontece nos bairros de reassentamento.

Por sua vez Chambote e Veja (2008) mostram-nos mais um exemplo de insatisfação em relação ao novo espaço de residência no qual, as vítimas das cheias reassentadas em Mutarara mostraram-se insatisfeitas com o plano de reassentamento, apontando as seguintes razões, os processos ciclicamente incompletos de reassentamento pós-cheias e insensíveis ao contexto local tais como: a fraca fonte de subsistência, falta de alternativas de renda, escassez de infraestruturas básicas nos locais de reassentamento, fragilidade de manuseamento de saúde pública, fraco acesso a água potável e a suspeitas sobre interesses comerciais das terras férteis.

5.3. Apropriação do novo espaço

A apropriação do espaço surge a partir da forma como os indivíduos usufruem dos espaços na construção de suas habitações, tomando em conta a criação de relações com a vizinhança (Castro, 1995).

No nosso campo de pesquisa em Muhalaze, foi possível constatar que no quintal de alguns Agregados Familiares tem um marco que divide os seus terrenos com a dos seus vizinhos. Os informantes relatam o facto de poder sentar-se no terreno do vizinho para poder estar na sombra da árvore.

O bairro de Muhalaze é um bairro em expansão tal como fizemos referência nos parágrafos acima. É possível observar-se varias construções de casas e alguns reassentados diziam “os meus planos são de construir uma casa melhor, maior que possa albergar confortavelmente toda família assim como a construção de um muro”. Este argumento do nosso informante leva-nos a pensar a ideia do Castro (1995) segundo o qual, apropriação dos espaços habitacionais consiste na construção mental e na capacidade dos indivíduos reconhecerem um determinado espaço que se inserem como seus, tornando-se autónomos na continuidade de suas relações.

Em conversas com alguns dos nossos informantes em Muhalaze, foi possível constatar que a construção das suas residências, mais do que um acto físico constitui um acto mental no qual a casa é idealizada, arquitetada, sonhada para que num futuro esses planos se concretizem em realidade.

Em algumas casas no nosso campo de pesquisa, foi possível visualizar barracas construídas na parte frontal da rua, onde os reassentados apropriam-se desse espaço para criar uma fonte de renda para a família. Assim, há processo de produção e reprodução do espaço para dar significados ao lugar onde se reside e ao mesmo tempo, fazer alguma actividade de renda. Nestes termos, me parece importante recuperar o pressuposto segundo o qual, o espaço está ligado ao contexto, a sociedade dá forma ao espaço, pois, os Homens identificam-se com o espaço (Silvano 2010)

Assim, ao construir a sua casa, os agregados familiares tem a ideia de atingir uma forte identificação com a mesma (casa) porque, ao redor da casa há significados, assim como, uma construção afectiva, mental e identitária” (Cruz 2003). O Bairro Muhalaze apresenta algumas características consideradas rurais, dai ser notória a presença de plantações de amendoim,

massaroca e algumas destas plantações são usadas para a vedação do terreno de algumas famílias reassentadas de forma a buscar uma identidade com o espaço como revelou o nosso informante.

“Na minha terra la em Manica sempre vedamos o terreno com plantações de massaroca”. (Carlota)

Como podemos ver há uma busca de apropriar-se do espaço tendo em conta o que identifica cada reassentado, uns através do plantio de determinados tipos de árvores, outros através do tipo de vedação. Por sua vez, Guerra (1997) no seu estudo faz referência, ao plantio de árvores e a nova pintura da casa como sendo, alguns traços particulares de cada Agregado Familiar, feitos com vista a procurar dar sentido ao espaço onde se vive

Há uma infinidade de formas de uso do espaço dependendo dos sonhos, possibilidades e formas de conceber um espaço de residência de cada Agregado Familiar. Com isso, cada reassentado constrói o seu lar tendo em conta a forma como concebe o mundo. Há diferentes formas de se apropriar do espaço para além do acto de residir, o simples acto de usá-lo seja para que fim for, é apropriar-se do espaço, é usar o espaço (Guerra 1997).

6. Relação de Conflitos e Alianças entre Agregados Familiares Reassentados

Ao longo do trabalho de campo em Muhalaze-Matendene, foi possível identificar dois tipos de conflitos que ocorrem neste contexto de reassentamento. O primeiro conflito está entre os agregados familiares reassentados e as entidades governamentais agentes do reassentamento; e o segundo tipo de conflito esta entre os próprios agregados familiares reassentados.

Em relação ao primeiro conflito entre agregado familiar e entidades governamentais agentes do reassentamento acontecem porque, segundo os moradores a quando do seu deslocamento para o novo bairro de residência o governo prometeu construir uma estrada; instalar e expandir a rede eléctrica e apoiar na construção das casas dos reassentados. No entanto, segundo os agregados familiares isso tudo não passou de promessas.

“...o município disse que aqui tínhamos estrada, energia e água mas ate agora estamos a espera já passam mais de 3 anos só temos água....”
(Catarina).

Ao reassentamento promovido pela Vale, no mega - projecto de mineração na província de Tete, centro de Moçambique, Mosca e Selemane (2011) referem que o mesmo movimento trás uma diferença entre a situação pré e pós reassentamento o que vem a causar, problemas a destacar (a falta de água, transporte e expectativas sociais que nunca são cumpridas, causando um mal-estar populacional). Os mesmos autores prosseguem e referem que, os actuais reassentamentos tem sido mal dirigidos o que provoca, empobrecimento, conflitos, o que faz lembrar os erros cometidos com a mobilização da população para viver em aldeias comunais.

“No mês passado tivemos uma reunião aqui no círculo de Muhalaze e falamos sobre isso porque não estão a resolver nossos problemas, não sabemos se o dinheiro comeram para instalar energia” (António).

Por sua vez Lihabe (2009) mostra-nos que assim podemos falar na questão da existência de um “reassentamento pela metade”, uma vez que das projecções feitas pelo governo moçambicano apenas 1% das habitações está concluída e grande parte delas se encontra ainda em fase de construção, seja nas fundações, a meia viga ou em processo de cobertura. O que fica claro aos olhos de todo é um processo de está claramente atrasado. Disto derivam acusações de corrupção, falta de dinheiro, desvio de fundos e até de incompetência institucional a nível distrital, provincial e central.

O segundo conflito acontece entre os próprios agregados familiares que foram reassentados, isso apesar dos reassentados encontrarem-se no mesmo espaço geográfico e em situação de vulnerabilidade causada pelo reassentamento buscam aliar-se com aqueles que os identificam e com isso separar de outros. Este aspecto de aliança e escolha de determinados agregados para se relacionar criam conflitos.

No reassentamento em Muhalaze-Matendene, não havia divisões claras de espaços domésticos e públicos (divisão entre a rua e a casa) o que muitas vezes causava desconforto entre alguns agregados familiares devido a falta de privacidade na sua vida, tal como nos revelou uma das nossas informantes.

“Aqui é complicado não podes fazer nada sem ti verem, tudo os vizinhos estão a ver até usam o quintal como caminho porque não temos muros”
(Suzana)

Para Lihaha (2009) os reassentamentos baseiam-se numa lógica de concentração populacional com vista a formação de novas vilas ou aldeamentos, isto segundo as directrizes governamentais. A proximidade das pessoas leva a que estas entendam que a sua privacidade e os assuntos domésticos estejam nestas zonas expostos à comunidade o que os incomoda profundamente.

Dada a aproximação que o fenómeno de reassentamento causou entre os agregados familiares oriundos de diferentes bairros, com diferentes maneiras de conceber o mundo, são frequentes conflitos entre agregados familiares devido a casos de fofoca e intrigas entre vizinhos. Estes aspectos também podem ser encontrados no trabalho feito por Lihaha (2009) sobre reassentamento no vale do Zambeze, onde destaca a existência de acusações muito fortes de feitiçaria entre os vizinhos, uma vez que esta proximidade permite fenómenos mais intensos de inveja, cobiça e bisbilhotice às coisas alheias; para além de acusações, como já referenciado, de amantismo e ciúmes.

No actual bairro de reassentamento Muhalaze-Matendene foi possível identificar igualmente a existência de conflito entre os reassentados pelo poder. Isso acontece, porque alguns membros dos agregados familiares reassentados mostram-se insatisfeitos com a sua atual condição no novo bairro de residência, visto que nos antigos bairros eram chefe de quarteirão, chefe das 10 casas entre outros cargos o que não acontece no actual bairro de residência. Tendo sido escolhidos outros moradores.

O lugar onde as pessoas são reassentadas, muitas vezes albergam populações de diferentes locais que nos seus lugares de origem se encontravam sobre a jurisdição de determinado chefe

tradicional (régulo ou fumo). Colocadas num mesmo espaço, as contradições do exercício do poder e as devidas obediências vem ao de cima o que gera conflitos agudos alicerçados numa rede complexa de direitos e obrigações (Lihahé 2009).

7. Solidariedade entre vizinhos como fenómeno que “facilitou” a adaptação.

Os reassentados de Muhalaze quando chegaram não tinham uma estrutura solida nos seus terrenos atribuídos, assim precisaram da ajuda um do outro de modo a tentar ultrapassar o momento no qual se encontravam. Os reassentados ainda não tinham nenhuma aproximação uns com os outros, mas ajudavam-se porque estavam todos na mesma situação.

Este facto foi ainda mais impulsionado, porque no início do reassentamento, os agregados familiares foram reassentados em tendas, onde ficavam ate 4 agregados familiares por tenda. Embora tenham trazido os seus bens do antigo local onde residiam muitos bens foram perdidos, dai que em caso de necessidade os agregados pediam bens ou serviços aos outros (caso de panelas, mantas, para cuidar dos filhos enquanto estão ausentes os pais) de modo a ultrapassar determinada dificuldade

O acto de solidariedade aparece como vínculo de responsabilidade recíproca. Assim, Almeida (2007) mostra-nos que a solidariedade é vista como uma condição grupal resultante de comunhão de atitudes e sentimentos de modo a constituir o grupo unido solido, capaz de resistir as forças extremas e mesmo de tornar-se ainda firme em face da oposição vinda de fora. Para ultrapassar este problema comum, o grupo reassentado teve que unir-se de modo a ajudar um ao outro quando precisar de modo a melhorar sua condição de residência no novo espaço. Assim, a solidariedade entre grupos de indivíduos que se encontram naquele contexto de reassentamento muitas vezes sem se conhecer tem em vista o objectivo comum, que é ultrapassar as dificuldades encontradas no novo espaço de residência e ter uma adaptação “positiva”.

“No início eu emprestava panela a minha vizinha, ela me emprestava enxada para capinar no meu terreno e as outras vizinhas ficavam com meus filhos quando eu saía dependia nem...” (Lurdes)

Na citação a cima, podemos ver que mais do que trocar favores ou serviços os agregados familiares reassentados construía laços de sociabilidade entre novos vizinhos através da solidariedade recíproca. Por outro lado, Lévi-Strauss e Mauss deram um novo sentido ao princípio de reciprocidade como norma do sistema de trocas e circulação melanésio. Mauss apresenta as relações de troca não apenas como transações comerciais, mas também como meio de construção da solidariedade melanésia. Neste caso, a solidariedade entre grupos sociais distintos não será grande pelas acções de dar, receber ou retribuir, mas pela consubstancialidade entre as partes traduzida pela eficácia social das trocas de aliança (Muller 2013).

“Eu como não tenho marido, os vizinhos me ajudaram a construir essa minha casinha aqui...mas agora já estou a terminar esta casa de pedra” (Natalina)

Os actos de solidariedade entre os agregados familiares reassentados, mais do que simples ajuda para a superação de determinada dificuldade, tem este lado de criação de laços, de vínculos sociais entre os reassentados, daí que uns são compadres, são padrinhos dos filhos, tudo em função inicialmente deste acto de solidariedade. Caille (2002) no seu livro Antropologia do Dom entende a dádiva como a prestação de bens de serviços ou efetuado sem garantia de retorno tendo em vista a criação, manutenção ou regeneração de vínculos sociais.

Assim as ofertas, prestações de bens ou serviços, as acções de desinteresse e interesse, bem como um conjunto de trocas (materiais-simbólicas) desempenhados no espaço da “comunidade” assinalam a criação e manutenção de vínculos sociais. Encontra-se aí lugar para o desenvolvimento de relações dádivas, pensadas não só pelo cálculo económico e utilitário, mas por meio de valores como a solidariedade, a generosidade, a afetividade e reciprocidade (Ribeiro e Júnior s/d).

“Nos é que contribuimos e compramos um tubo semi-geral e metemos ate aqui em Matendene para ter agua... os homens de todas as casas cavaram e meteram o tubo”

Algumas vezes, os agregados em actos de solidariedade uniram-se para responder a um problema comum para a edificação do seu bairro de residência. No caso de abertura de ruas, os agregados uniram-se convocados pelo chefe do quarteirão e todos ajudaram. O mesmo aconteceu nos casos em que tinham que fazer um serviço em casa de agregados reassentados porque, todos no fim do dia precisavam da ajuda do outro. Me parece que neste aspecto faz sentido lembrar o adágio popular segundo o qual, *“a união faz a força”*.

Assim, podemos ver que a participação dos moradores em actividades coletivas, nos vários círculos de solidariedade, trabalho, religião, festas podem ser concebidos como a criação e manutenção de relações dadas entre as comunidades e garante uma maior coesão do grupo (Ribeiro e Júnior s/d).

5. Considerações Finais

O trabalho de pesquisa, analisou as transformações promovidas pelo reassentamento na vida das famílias deslocadas de um bairro para o outro. Assim, a pesquisa identifica a forma como aconteceu a adaptação nos primeiros anos de reassentamento no bairro de Muhalaze-Matendene.

A realização da pesquisa foi com recurso ao trabalho de campo e a revisão bibliográfica. Ao longo do trabalho de campo, procedi a observação e conversas informais com os diversos agregados familiares reassentados. Por seu turno, ao longo da revisão da literatura, identifiquei duas principais abordagens que respondem a pergunta de partida do presente trabalho de pesquisa. A primeira abordagem, olha para o reassentamento enquanto um processo no qual os Agregados familiares enfrentam dificuldades não só na mudança de um espaço de moradia para o outro, mas dificuldades de adaptação aos novos vizinhos, a falta de transporte, energia eléctrica. No entanto, a segunda abordagem faz uma crítica a primeira e olha para a questão de reassentamento enquanto um assunto complexo que necessita de abordagens que confrontam várias teorias e disciplinas para se perceber que, é nos novos espaços de reassentamento que alguns indivíduos tem mais segurança de vida e oportunidade de concretização dos seus projetos assim como alastra suas redes de sociabilidade.

Estas duas abordagens têm pressupostos diferentes, por isso, são entendidas como sendo, cada uma exclusiva de um dado contexto. No entanto, tendo em conta estas duas abordagens e olhando para o bairro de Muhalaze, vimos que nenhuma das abordagens pode isoladamente, dar conta da complexidade e características do nosso local de estudo, pois, encontramos elementos que ultrapassam o poder explicativo de cada uma delas, daí para um melhor entendimento do nosso contexto foram usadas as duas abordagens de forma complementar.

A pesquisa foi realizada com base na abordagem qualitativa e de carácter exploratório, onde verificamos que o reassentamento não pode ser visto como algo positivo ou negativo, mas sim deve ser visto como um assunto complexo, daí que num mesmo contexto pode ser explicado recorrendo as duas abordagens de forma simultânea.

A ideia segundo o qual nem todos os reassentados abandonam o novo espaço de residência, surge por ter recolhido dados que evidenciam o que verifiquei no bairro de Muhalaze-Matendene, onde alguns reassentados deste bairro não abandonaram o novo espaço de residência, muito pelo contrário, traçaram estratégias para se adaptar ao novo espaço e aos novos vizinhos. Assim, se por um lado a literatura revela que o reassentamento cria dificuldades de adaptação e os reassentados abandonam o novo espaço, por outro lado, foi possível identificar os reassentados que não abandonaram o novo espaço e traçaram estratégias para se adaptar.

Dada a existência de varias de formas de adaptação ao novo espaço habitacional nos bairros de reassentamento, tal como ilustra o caso de Muhalaze-Matendene, esta pesquisa permitiu-me observar que a apropriação do espaço tem em conta o que identifica cada reassentado, uns através do plantio de determinados tipos de arvores, outros através do tipo de vedação. Há uma infinidade de formas de uso do espaço dependendo dos sonhos, possibilidades e formas de conceber um espaço de residência de cada Agregado Familiar. Com isso, cada reassentado constrói o seu lar tendo em conta a forma como concebe o mundo. Há diferentes formas de se apropriar do espaço para além do acto de residir, o simples acto de usá-lo seja para que fim for, é apropriar-se do espaço, é usar o espaço (Guerra 1997).

Portanto, tendo em conta esta pesquisa etnográfica feita num contexto de reassentamento, considero que mais do que ficar na ideia de regresso devido a dificuldades de adaptação devido a problemas de falta de infraestruturas básicas (estrada, escola energia, etc), deve-se documentar também nos reassentamento a questão de solidariedade entre os reassentados, construção de novos laços de sociabilidades. Penso que agir assim, vai possibilitar uma maior abrangência na abordagem, visto que a antropologia defende a abrangência que passa por estudar a diversidade dos povos, explicar comportamentos de pequenos grupos humanos e procurar a totalidade que forma um estilo de vida, através da observação de um drama repetitivo (Leach 1982). Um dos indicadores da referida diversidade é a diferença dos agregados familiares envolvidos no reassentamento de Muhaleze-Matendene, desde as suas reacções em relação ao fenómeno reassentamento até ao uso que fazem do novo espaço residentes assim como a relação estabelecida entre os próprios reassentados.

Referências Bibliográficas

Almeida, João. 2007. *Antropologia da Solidariedade*. Porto: CEMOROC. www.hottpos.com.

Augusto, Nuno. 1998. *Habitação Social – Da Intenção á ampliação da Exclusão*. Évora: Universidade de Évora.

Blumer, H. 1980. “A Natureza do Interacionismo Simbólico” In: Mortensen, Charles (org) *Teoria da Comunicação: textos básicos*. São Paulo: ed. Mozaico.

Caille, Allan. 2002. *Antropologia do Dom*. Petrópolis: vozes Editora.

Casal, Adolfo Yanez. 1996. *Antropologia e Desenvolvimento: As Aldeias Comuns de Moçambique*: Lisboa.

Cardoso De Oliveira, R. 2006. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP

Castro, Alexandre. 1995. *Ciganos e habitat: entre a itinerância e a fixação*. Sociologia-problemas e práticas, Lisboa, n° 17, p. 97-111.

Chissano, José. 2013. *Enundações Na Capital: casas de 380 famílias poderão ser demolidas*. Portal do Conselho Municipal de Maputo. Maputo: 16/12/2013.

Cruz, Marta. 2003. *Construir uma casa: Elementos exploratórios para a compreensão dos conteúdos, do contexto e do processo de concepção arquitectónica da habitação unifamiliar*. Lisboa, p. 231-250.

Ennes, Marcelo. 2013. *Interacionismo Simbólico: contribuições para se pensar os processos identitários*. São Paulo: Revista Perspetivas, v.43.

Guerra, Isabel. 1997. *Um olhar sociológico sobre o alojamento*. Lisboa, n° 24, p. 165-181.

Leach, Edmund. 1982. *O Meu Tipo de Antropologia* In: A Diversidade da Antropologia. Lisboa: Edições 70.

Lihahe, Danubio. 2009. *Cheias e Reassentamento das Populações no Vale do Zambeze: velhos problemas, novas soluções?* Lisboa: ICS.

Muller, Paulo. 2013. *Noções de Solidariedade e responsabilidade no campo da cooperação internacional para a proteção dos refugiados*. Brasília: revista interdisciplinar da mobilidade humana.

Marques, Suzana Custodio. 2013. *Da tragedia à esperança: Bairro 4 de Outubro Mumemo*, Maputo, Confhic Editora.

Mosca, João e Selemane, Tomás. 2011. *El Dourado Tete: O mega projetos de Mineração*. CIP - Centro de Integridade Pública.

Ribeiro, Raphael e Júnior, João. S/d. *Considerações teóricas acerca do conceito de bairro rural e de comunidade rural*. Uberlândia: LAGAA.

Sampaio, Sónia e Santos, Georgina. 2011. *Interacionismo Simbólico como abordagem teórica aos fenómenos educativos*. Revista Tempo e Espaços em Educação, vol. 6.

Santana, Joana e Perdigão, Ana. 2011. *Participação dos moradores na produção habitacional da Área CDP*. Belém do Pará: Universidade Federal do Pará

Santos, Mauro. 2007. *Representação Social da Moradia*. Rio de Janeiro. PP. 336-341.

Silvano, Filomena. 2010. *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Assírio e Alvim.

Wall, Karin. 2005. *Os grupos domésticos de co-residência*. Sl, p. 553-597.

Anexos

Fig1: Fonte de abastecimento de água de Muhalaze-Matendene.



Fig2: Marcos de vedação do quintal com recurso a estacas.



Fig3: Casa de tendas.



Fig4: Plantação de tubérculos no quintal da casa



Fig5: Escola Primária de Muhalaze



Fig6: Maternidade de Muhalaze

